

Os Agentes de Acolhimento a Imigrantes; Transnacionalização de Visões sobre as Migrações e Políticas de Acolhimento¹

Autor: Daniel Etcheverry

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa qualitativa sobre a atuação do CIBAI Migrações, uma entidade da Igreja Católica que trabalha pelos imigrantes e junto às instituições nacionais no Rio grande do Sul. Aponto para a transnacionalização e a territorialização das formas de entender o fenômeno migratório contemporâneo dentro do contexto de reconfiguração das políticas migratórias no Mercosul.

Levanto também algumas questões: quais os atores envolvidos no processo de transnacionalização e territorialização acima mencionado e como ele acontece?; como é ressignificada a visão sobre o fenômeno migratório de forma a atender as necessidades locais?. A teoria barthiana sobre etnicidade e cultura dá o principal fundamento teórico a este trabalho.

Palavras-chaves: migrações, acolhimento a imigrantes, fenômeno migratório

Introdução

O tema das migrações contemporâneas não deve ser considerado como um fenômeno social isolado de outras problemáticas que dizem respeito ao lugar dos sujeitos na sociedade. Não pode, tampouco, ser considerado apenas desde a perspectiva causa- efeito, em sua relação com os problemas que atingem nossas sociedades. Debates e discursos sobre distribuição de renda e da terra, sobre cidadania, acesso à água, ao trabalho, à saúde e à educação, sobre urbanização, ambientalismo, entre outros, atravessam os discursos atuais sobre as migrações contemporâneas, produzindo uma rede de elaborações que, desde uma variedade de perspectivas e com uma variedade de perfis, mantêm em comum uma crítica ao estado atual das coisas.

O termo "fenômeno migratório" abrange, como veremos ao longo deste trabalho, não

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008 em Porto Seguro, Bahia, Brasil

apenas o deslocamento dos sujeitos que migram, senão também a atuação de todos os atores sociais envolvidos direta e indiretamente nesse deslocamento, como aquela dos agentes de mediação e acolhimento a imigrantes, dos criadores das políticas migratórias nacionais ou regionais, dos pesquisadores e produtores de literatura e conhecimento sobre migrações e quaisquer formas de atuação relacionadas ao deslocamento e fluxo de migrantes. Abrange também, é importante lembrar, todo o contexto social, político, econômico e legal em que as migrações acontecem. Isso, especialmente, torna o fenômeno migratório difícil de precisar, conferindo-lhe limites porosos e fluidos.

O fenômeno migratório é, portanto, um tema amplo e exige realizar escolhas, a fim de ter uma compreensão mais ampla de como os sujeitos inserem-se na sociedade de acolhida e resolvem seus problemas de sobrevivência. Essas soluções "individuais" revelam uma variedade de redes de ajuda mútua e de intermediários, agentes de acolhida que facilitam o acesso a papéis, postos e trabalho, moradia, etc.

Durante a pesquisa para a elaboração de minha dissertação de mestrado, debruicei-me sobre as experiências de estrangeiros provenientes de países sul-americanos na Região Metropolitana de Porto Alegre. Analisei as formas como essas pessoas lidam com as situações do cotidiano em sua interação com cidadãos e instituições brasileiras, tendo como foco principal a obtenção de documentos e a negociação do valor destes. Tive como ponto de partida o CIBAIMigrações, uma das entidades que atuam no acolhimento de imigrantes estrangeiros e, principalmente, como mediadores entre os imigrantes estrangeiros e as instituições nacionais no sul do Brasil, embora a tentativa de chegar a uma compreensão mais ampla das experiências dos sujeitos migrantes me levasse a não restringir a essa organização meu universo de pesquisa. Observei a atuação também de algumas organizações de filiação étnico-nacional e política e de outras entidades que trabalham com refugiados, especialmente colombianos, no Rio Grande do Sul, e, principalmente, foquei minha atenção nas narrativas dos próprios sujeitos migrantes. Entretanto, a atuação do CIBAIMigrações junto aos sujeitos em situação de deslocamento recente foi recorrentemente mencionada como uma referência sobre o fenômeno migratório local tanto pelos sujeitos migrantes entrevistados como pelos representantes de outras entidades. Questões sobre documentação de estrangeiros principalmente, mas também sobre moradia, trabalho, saúde, entre várias outras, levam a estrangeiros a procurar e a falar sobre o CIBAIMigrações. Neste trabalho, focarei na atuação dos agentes de acolhimento a migrantes como lugares de formação de um discurso e uma ética migratória.

Três eixos de atuação

Pude observar que o trabalho do CIBAIMigrações gira em torno de três eixos fundamentais, os quais, por sua vez, estão entre si entrelaçados. O objetivo mais imediato do CIBAIMigrações é assistir aos imigrantes estrangeiros em suas problemáticas cotidianas de subsistência e, principalmente, com os entraves burocráticos relativos à obtenção de documentos de residência. Uma entidade da Igreja Católica, que faz parte do ramo scalabriniano da congregação Carlista, o CIBAIMigrações tem sua sede na paróquia de Nossa Senhora da Pompéia, no centro de Porto Alegre. Fundada inicialmente para assistir às necessidades mais pungentes dos imigrantes italianos em meados do século passado, teve, ao longo das últimas décadas, que repensar seu lugar e atuação conforme as demandas dos novos contingentes migratórios e as novas ordens sociais. É hoje um lugar de referência para questões de documentação de estrangeiros, dadas as dificuldades dos estrangeiros com ou sem documentos em transformar vistos de turista ou de estudante em vistos de permanência ou de atestar sua identidade perante a falta de documentos. Os dois padres Joaquin – catarinense- e João – italiano- e o secretário fornecem informações e acompanham os casos individualmente. Além disso, o CIBAIMigrações costuma manter oficinas de geração de renda para imigrantes estrangeiros, ajuda os imigrantes a encontrar trabalhos temporários no serviço doméstico ou no atendimento de crianças e idosos por exemplo, e conta com o trabalho voluntário de psicólogos e trabalhadores sociais para oferecer atendimento psicológico em grupos e individualmente aos imigrantes que o solicitam. Nesse sentido, ao envolver outras pessoas, frequentemente outros imigrantes numa rede ajuda mutua – os dois psicólogos que lá trabalham são também imigrantes um peruano e uma uruguaia -, a assistência prestada carrega um caráter de sensibilização sobre o tema das migrações à comunidade não necessariamente diocesana. Estendem seu trabalho também à cidade de Florianópolis, onde fazem um trabalho semelhante.

No que se refere à assistência em questões de documentação, contam com os laços de respeito e reciprocidade estabelecidos com as instituições e com membros delas, "sempre dentro do âmbito da lei" como lembra o padre João. Soube de casos em que os agentes da Polícia Federal encaminharam estrangeiros a falar com o padre Joaquim, também do CIBAIMigrações, para que ele lhes forneça as informações sobre como lidar com as situações de irregularidade mais complexas. Isso leva a pensar em uma divisão de tarefas que, de alguma forma, entre a formalidade e a informalidade, inclui o CIBAIMigrações como parte fundamental do roteiro da tentativa de aquisição de documentos. Mas leva também a refletir sobre como são traçados e respeitados os limites entre ambos: “Eles fazem a parte deles” disse

o padre Joaquim, referindo-se aos agentes da Polícia Federal, “nós a nossa”. Interessantemente, o CIBAIMigrações mantém um cadastro com todos os atendimentos e os telefones e/ou endereços de todos os estrangeiros que os procuram. Em várias ocasiões indaguei os padres sobre a possibilidade de que os agentes da Polícia Federal requisitassem esse cadastro, caso quisessem ir em busca de imigrantes em situação irregular; a resposta foi sempre que isso nunca havia acontecido.

O segundo pilar de sua atuação diz respeito à luta por uma política migratória nacional mais inclusiva junto a outras instituições aliadas nacionais e transnacionais, entre as quais “Caritas” tem um lugar de destaque por ter uma atuação oficialmente reconhecida. Atuam conjuntamente e de forma continuada em prol da modificação do Estatuto do Estrangeiro, da implementação de anistias para estrangeiros e na negociação de prazos e taxas de regularização. Neste ponto, resulta importante lembrar que a importância e o alcance do trabalho destas instituições repousa grandemente na atuação de indivíduos com trajetórias particulares dentro de suas instituições e do campo de atuação política. Poderia-se pensar este aspecto do trabalho do CIBAI Migrações como um trabalho em rede, onde, conforme aponta Regina Meneleto “alguns personagens são responsáveis pela dinamização das redes, ocupando posições estratégicas que lhes garantem o reconhecimento dos demais agentes” (Meneleto 2001; p. 71).

O CIBAI Migrações faz parte do ramo Scalabriniano da congregação Carlista e leva adiante seu trabalho com base em sua vocação confessional transnacional, mas a maioria das organizações que lidam com o fenômeno religioso pertencem também à Igreja Católica, como a já mencionada “Caritas” e a “ASAV” (Associação Antonio Vieira), cujo universo de trabalho são os refugiados, principalmente colombianos, no Estado do Rio Grande do Sul. Frequentemente, os indivíduos relacionados a estas agências de acolhimento têm um trânsito reconhecido pelos órgãos governamentais, negociando e atuando em favor de uma lei migratória mais inclusiva em pé de igualdade com os representantes do Estado. Esse é o caso de duas irmãs religiosas, Rosita Milessi e Margheritta Bonassi, ambas advogadas que trabalham em favor dos imigrantes e dos refugiados respectivamente. As trajetórias de ambas, entre o direito, o ativismo e a participação nas esferas governamentais, não somente leva as inquietações de uma parte da sociedade civil para dentro do âmbito das instituições, mas também faz nos repensar a separação entre sociedade e Estado. Como lembram Rebecca Abers e Margaret Keck (2008), a maior parte da literatura sobre as relações Estado sociedade na América Latina pensa ambas as esferas como universos separados. Entretanto, um olhar cuidadoso sobre essa relação pode revelar outros tipos de interação.

O terceiro pilar do trabalho do CIBAIMigrações diz respeito ao seu lugar de formação de um discurso e uma ética migratória. Para além de suas atuações e lutas concretas, o CIBAIMigrações, constitui-se como lugar de elaboração de um discurso e de um conhecimento sobre a problemática migratória, que, de alguma forma, incorpora e reflete discursos provenientes de organizações de maior e menor abrangência temática e geográfica e com experiências de poder também diferenciadas. A entidade cede espaço em sua sede para reuniões de associações étnico-nacionais, de militantes políticos uruguaios², para associações que têm como objetivo a celebração de seus costumes nacionais – o círculo Cultural Chileno, por exemplo-, entre outras. Logicamente que todas essas entidades e eventos têm seu ‘tempo’, e não todas perduram ou permanecem na sede do CIBAIMigrações eternamente.

Interessa, entretanto, que no espaço que o CIBAI Migrações construiu localmente, a questão migratória é perpassada por outras questões sociais, mantendo uma interação com elas. Apenas a modo de exemplo, no Fórum das Migrações, promovido e sediado por essa entidade e que teve lugar nos dias anteriores ao último Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, houve oficinas e palestras que relacionavam o tema das migrações com a problemática dos recursos hidráulicos, com a necessidade de uma reforma agrária, debates sobre o papel do Banco Mundial e até uma intervenção do "Grito dos Excluídos", para mencionar alguns exemplos.

Entre um discurso universal e outro local

A partir do exposto, cabe indagar sobre o papel de uma entidade que faz parte da Igreja Católica, frequentemente associada à reafirmação dos poderes e hierarquias sociais, políticas e econômicas estabelecidos, e pensar como se estabelece esse diálogo com grupos humanos de tendências aparentemente tão diversas entre si e do que normalmente se conhece como o catolicismo. Ou seja, como pensar o lugar dessa entidade que se encontra em um constante diálogo com outras entidades, que propicia o encontro de pessoas e organizações independentes de sua filiação religiosa, dialoga com as instituições nacionais, elabora parcerias com políticos local e nacionalmente, acolhe os discursos provenientes de órgãos laicos sobre o fenômeno migratório de vocação transnacional e mantém-se fiel aos preceitos da hierarquia católica? Uma olhada para as reflexões de Barth sobre a sociedade nortebalinesa, pode sugerir como é construído o universo do CIBAIMigrações, onde os padres

² As reuniões de um dos Comitês do “Frente Amplio” – coalizão de partidos de tendência esquerdista que está atualmente no governo uruguaio – aconteciam, na época, na sede do CIBAIMigrações. Além disso, reuniões da coletividade uruguaia com chanceleres e políticos frente-amplistas também tiveram lugar ali, entre outras reuniões de caráter político.

responsáveis ocupam um lugar central na construção do discurso da entidade sobre o fenômeno migratório

Diz Barth:

As pessoas participam de universos de discurso múltiplos, mais ou menos discrepantes; constroem mundos diferentes, parciais e simultâneos, nos quais se movimentam. A construção cultural que fazem da realidade não surge de uma única fonte e não é monolítica. (Barth; 2000. p. 123)

Ao acolher e promover tais eventos e reuniões, o CIBAIMigrações coloca-se no centro das referências sobre questões migratórias e, fundamentalmente, no trânsito entre os discursos universalmente difundidos sobre migrações e cidadania, reproduzindo-os, mas não sem antes relê-los à luz de sua missão evangelizadora; cria assim um vínculo entre sua tradição assistencial, a literatura e visões tradicionais sobre migrações que colocam os migrantes como objeto de políticas migratórias restritivas e obsoletas a experiência dos próprios sujeitos.

Ao acolher eventos e reuniões e, sobretudo, por manter um diálogo com outras esferas da problemática social que perpassam o fenômeno migratório, o CIBAIMigrações coloca-se no centro das referências sobre questões migratórias e, fundamentalmente, na confluência do trânsito entre discursos universalmente difundidos sobre migrações, direitos humanos e cidadania, reinterpretando esse fluxo à luz de sua missão evangelizadora e de sua própria história.

Não pode, assim, furtar-se à produção de um sujeito migrante, um pouco nos padrões dos discursos provenientes dos agentes internacionais como as agências da ONU e da literatura existente sobre migrações, promotores de uma visão do migrante associado à pobreza e a desigualdade social. Predomina incontestemente a noção, formada no seio dos órgãos internacionais promotores dos direitos humanos, de um sujeito migrante como alguém sem recursos de sobrevivência no país de origem, com um passado de miséria e um futuro de integração à sociedade de acolhida ou de retorno à pobreza. “De fato, o migrante é uma pessoa erradicada de seu ambiente nativo e está, portanto numa fase de passagem, rumo a uma integração no país que o acolhe”, disse o site do CIBAI Migrações na internet. A leitura do fenômeno migratório parece ser, além do mais, e considerando que as entidades de acolhimento ao imigrante estão impregnadas de um *ethos* cristão que as ultrapassa, realizada tendo as figuras de Cristo e do bom samaritano como pano de fundo. Nesse sentido, cabe lembrar e até fazer uma analogia com o pensamento de Otávio Velho (1995): tendo o evangelho como pano de fundo e os eventos fundantes das organizações de mediadores, a vida de Jesus e a viagem de Scalabrini no caso do CIBAI Migrações, todos os eventos

subseqüentes podem ser lidos à luz do primeiro, possibilitando até mesmo novas interpretações e sentidos.

O texto da primeira folha da edição de dezembro do jornal “A família da Pompéia”³, edição mensal do CIBAIMigrações, é elucidativo dessa leitura da situação atual à luz dos acontecimentos bíblicos: “Herodes manda seus guardas eliminar possíveis concorrentes e Belém fecha suas portas. O que sobra para a Sagrada Família e o Divino Migrante é a estrebaria” O texto continua, no parágrafo seguinte, lembrando os acordos implementados recentemente entre os governos do Brasil e da Argentina e do Brasil e do Uruguai, e citando uma frase Kofi Anan, secretário da ONU “A Onu promove a discussão sobre a migração e a criação de um fórum. Não creio que levantar muros seja o caminho para deter os imigrantes”

O mesmo jornal, em sua edição de maio de 2006, faz uma associação entre migração e deficiência. Transcrevo uma parte do texto de capa:

“Também o migrante é pessoa com deficiência. Scalabrini comparava o migrante ao surdo-mudo: deixando sua terra, encontra uma língua estranha, costumes inesperados, idéias de vida diferentes; experimenta uma situação de tensão porque tenta expressar-se e não é compreendido, imagina entender e cai no ridículo. Mas, se na raiz da migração encontramos essa deficiência psico-sócio-cultural, que normalmente se supera pela abertura ao novo e a acolhida do povo, há uma outra deficiência bem mais profunda: aquela que nasce da lei que não concede a existência ao migrante, negando o documento de identidade e de residência, proibindo o trabalho e até a escola para as crianças.”

Por outro lado, a edição de Outubro de 2006 dedica a capa às mulheres imigrantes e à feminização do fenômeno migratório, trazendo também alguns dados quantitativos sobre as percentagens de mulheres e homens migrantes produzidos pelo Fundo de População das Nações Unidas. Reproduzo novamente um trecho do texto:

“Muitas das mulheres migrantes já não viajam mais para acompanhar seus maridos, como ocorria anteriormente, mas saem de suas casas por conta própria, em busca de melhores condições de trabalho, enfrentando a incerteza e a insegurança de uma nova cultura, de uma nova realidade.”

Torna-se claro, assim, que, enquanto que o CIBAIMigrações mantém um discurso fluido sobre migrações que abrange vários aspectos do fenômeno migratório, o diálogo com as outras entidades aparentemente diversas, acontece dentro de certos padrões específicos de crítica ao estado de coisas, no que tange à questão migratória especificamente, e ao homem enquanto ser social em geral.

Apesar de que o CIBAI Migrações é a principal referência, a nível local, sobre tudo naquilo que diz respeito à questão migratória, existem na região sul do Brasil entidades com

³ Não é a intenção deste trabalho fazer uma análise do Jornal “Família da Pompeia”. A seguir, trago apenas alguns recortes de suas edições que revelam o trânsito do CIBAI Migrações entre os discursos sobre migrações contemporâneos e sua vocação religiosa e humanitária. Uma análise do jornal e sua história pode ser encontrada na dissertação de mestrado de Michelli Machado, intitulada “Boletim ‘A Família da Pompeia’: construindo identidades culturais em parceria com os imigrantes”.

bases étnico-nacionais e políticas dialogando entre si e com ele, como já vimos. A sede do CIBAI Migrações é, frequentemente, local de encontro dessas outras entidades. Nelas, também, uma visão, um saber e, sobretudo, uma ética migratória são elaborados e trazidos para o debate. Esse diálogo, entretanto, deve acontecer dentro de certos parâmetros, políticos fundamentalmente, conforme as representações subjetivas e relações de poder entre seus integrantes, sendo que as entidades que se afastam grandemente dessas referências políticas afastam-se também das outras entidades. Sendo esse o padrão recorrente, a reflexão e o debate sobre o fenômeno migratório dentro e entre as diversas organizações que trabalham com o tema promovem, de alguma forma, uma ética migratória e uma imagem do migrante dentro de parâmetros previstos. Ou seja, este sujeito migrante ideal, contrariando às “ilusões sobre o imigrante” mencionadas por Sayad (1991), embora não precise filiar-se explicitamente a algum partido político local, não é um sujeito alheio às questões políticas. Mais do que isso ainda, espera-se que seu posicionamento político mantenha uma postura crítica da realidade social e perceba seu lugar de imigrante como previsto dentro de um contexto de desigualdades, econômicas principalmente.

Assim, Voltando ao CIBAIMigrações, em sintonia com uma percepção do mundo em que todas as relações são de alguma forma políticas, os limites dos discursos sobre as migrações localmente estabelecidos estão dados pela experiência de assistência – como disse o padre João, “os imigrantes que nos procuram são pobres, os ricos buscam um advogado”-, por um posicionamento em favor das minorias – e considero aqui o termo ‘minorias’ não em seu sentido quantitativo, senão enquanto grupos destituídos de poder -, e pelo diálogo com outros discursos sobre o social que atravessam o fenômeno migratório – questões de gênero, por exemplo. Cabe aqui lembrar que imigrante, desde essa perspectiva, afina-se também à maior parte da literatura das ciências sociais sobre o tema. Somente a modo de exemplo, Manuel Delgado (2003) nos traz um questionamento sobre o que torna um estrangeiro em imigrante.

Levando isso em conta, posso afirmar que, para compreender melhor o trabalho dos agentes de acolhimento e mediação a nível local, sejam eles entidades religiosas, políticas, com base étnico-nacional ou ligadas a organismos internacionais, é necessário considerá-los inseridos em redes de atuação e colaboração que falam desde lugares geográficos, epistemológicos e de poder diferenciados sobre a questão migratória como parte de uma problemática social mais abrangente. Neste ponto é interessante lembrar que, Segundo Barth (2000), níveis de discurso de maior abrangência influenciam os níveis menores, e que, simultaneamente, os discursos que penetram níveis de menor abrangência, como a família ou as instituições menores são ressignificados no interior destas últimas. (Barth, 2003)

É importante lembrar novamente que tal rede não está necessariamente isenta de relações de poder, embora o próprio conceito de rede implique uma horizontalidade das relações. Nesse sentido, resulta necessário pensar quais são e como funcionam essas relações de poder, o que implica compreender os termos, as formas e as direções em que acontece esse fluxo de idéias, saberes e talvez, práticas. Parafraseando Regina Marteletto:

"Estudar a informação através de redes sociais significa considerar as relações de poder que advêm de uma organização não-hierárquica e espontânea e procurar até que ponto a dinâmica do conhecimento e da informação interfere nesse processo." (Marteletto, R. 2001).

A adoção, então, de um discurso por parte de uma entidade sobre si mesma e sobre o fenômeno migratório não significa que suas práticas e a vida da instituição sejam um reflexo fiel desse discurso, nem teria por que sê-lo. O CIBAIMigrações é uma instituição da Igreja Católica, e o discurso que maneja está livre de posições políticas declaradas e abrange, supostamente, todo tipo de manifestação cultural ou política. Porém, os limites dentro dos quais se movimenta estão pautados por um posicionamento marcadamente crítico às formas como o capitalismo atinge as vidas das pessoas, dos sujeitos migrantes em particular.

Ampliando o contexto migratório

Todo o trabalho do CIBAIMigrações aponta assim para a apropriação dos discursos transnacionais sobre o fenômeno migratório, os quais configuram formas de se pensar o tema das migrações e de perceber os sujeitos em deslocamento. As observações sobre o trabalho e as percepções do fenômeno migratório pela mesma congregação na cidade de Buenos Aires revelam algumas semelhanças na forma lidar com as situações dos imigrantes e de pensar a problemática migratória, embora o incipiente da pesquisa nesse contexto argentino não me permita aprofundar grandemente ainda. Merece sim ser destacado que a “Fundación Comisión Argentina para las Migraciones”, também scalabriniana, mantém formas de atendimento e um discurso sobre o tema migratório muito semelhante ao do CIBAIMigrações, com um viés problematizador das relações econômicas e políticas em que o fenômeno migratório acontece. Entretanto, são os contextos migratórios argentino e brasileiro e as conseqüentes respostas a eles - incluindo as políticas migratórias nacionais e as respostas da sociedade civil - muito diversas entre si, o que leva a nos questionar sobre as forma os discursos transnacionais são territorializados em contextos específicos.

A simples transposição do "problema da imigração" é inquietante e a comparação entre dois ou mais ambos os processos pode ser reveladora de uma diversidade de estratégias de atuação.. No contexto amplo do Mercosul, a questão mais complexa é como consolidar

uma livre circulação de pessoas entre países com direitos sociais igualitários para os estrangeiros, sendo os contextos nacionais tão diversos entre si. Argentina implementou o “Plan Pátria Grande”, um programa de regularização do status migratório dos estrangeiros cidadãos dos países do Mercosul. Desde sua implementação, em 2006, os cidadãos dos países do bloco podem ingressar, permanecer, trabalhar, estudar e ter acesso à saúde na Argentina, desde que cumpram os requisitos burocráticos. Do lado brasileiro, dois tratados foram assinados pelo Estado com Argentina e com Uruguai, que facilitam a regularização do status migratório de cidadãos desses dois países no Brasil. Entretanto, os imigrantes estrangeiros dos outros países aguardam a promulgação de uma anistia que lhes permita sua regularização. Não houve ainda, no Brasil, uma mudança, no que tange às migrações internas ao bloco, que acompanhe as demandas da sociedade. Como revelou-me o Padre Sante, italiano diretor da mencionada Fundación Comisión Católica Argentina para las Migraciones, ao implementar o “Plan Patria Grande”, a Argentina abriu-se para os cidadãos do Mercosul em termos de trabalho, saúde e educação, mas ainda espera que os outros assim o façam em relação aos cidadãos argentinos. Um dos entrevistados argentinos, ao pensar o contexto em que as migrações acontecem, foi reveladora da complexidade do tema: os paraguaios podem ter acesso à saúde na Argentina, mas será que o Paraguai pode oferecer também acesso à saúde aos argentinos?

A pergunta que permanece, para concluir, diz respeito aos termos em que acontece a elaboração de discursos sobre o fenômeno migratório no seio das organizações que lidam com imigrantes, levando em conta os contextos sociais, econômicos, políticos e migratórios locais. Na Argentina, é possível pensar numa racialização do fenômeno migratório, perceptível na forma e nos termos em que se fala dos imigrantes bolivianos, peruanos, paraguaios e até dos argentinos das províncias do norte do país. O termo “limitrofe” parece designar mais do que uma origem nacional, sobretudo quando se leva em conta que uruguaios e brasileiros dificilmente entram nessa categoria.

Assim, o fenômeno migratório, considerando sua complexidade enquanto fenômeno social, diz respeito a um número de outros fatores que extrapolam a problemática migratória em si, e a colocam numa teia de discursos sobre o social onde agentes falam a partir de lugares diferenciados.

Referências Bibliográficas

ABBERS, Rebecca & KECK Margaret; Mobilizing the State: The erratic partner in Brazil's participatory water policy. Revista "Politics and Society". No prelo. 2008.

BARTH, Fredrik, "A Análise da Cultura nas Sociedades Complexas". In: O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. (org) Lask, Tomke. Rio, Contracapa, 2000.

_____. "Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade". In: Antropologia da etnicidade. Para além de "Ethnic Groups and Boundaries". (org) Vermeulen & Govers. Fim de século, Edições. Lisboa, 2003

DELGADO RUIZ, Manuel. "¿Quién puede ser "inmigrante" en la ciudad?" In: Exclusión Social y Diversidad cultural. Donostia: Tercera Prensa, 2003.

ETCHEVERRY, Daniel. "Identidade não é documento. Narrativas de ruptura e continuidade nas migrações contemporâneas" Porto Alegre. IFCH. PPGAS. (2007). (Dissertação de mestrado)

MARTELETO, Regina. "Análise das redes sociais – aplicação aos estudos de transferência de informação" In Ci. Inf., Brasília, v. 30, n.1. 2001.

SAYAD, Abdelmalek "L'Immigration ou les paradoxes de l'Identité" Bruxelas; De Boek Wesmael, s.a. 1991.